



O forró de Caruaru (PE) nas rádios e na indústria fonográfica (1950-1980)

COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: ST-03. Forró: história, etnografia, patrimônio e contemporaneidade

Amilcar Almeida Bezerra

Universidade Federal de Pernambuco – amilcar.almeida@ufpe.br

Resumo. Objeto de Inventário financiado pelo IPHAN a partir de 2019, o forró está em vias de se tornar patrimônio imaterial do Brasil. Diferente de outros bens objeto de inventário pelo IPHAN, o forró tem nas mídias de massa um vetor essencial de sua formação enquanto gênero musical, o que nos obriga a pensar sobre o eventual lugar do rádio e de outras mídias musicais dentro de um processo de patrimonialização. Para tanto, observamos o caso de Caruaru, cidade do Agreste pernambucano que, a partir dos anos 1980, recebe a alcunha de capital do forró graças à atuação das rádios e à projeção alcançada por artistas locais do gênero que tiveram canções gravadas em compactos e LPs como compositores ou intérpretes. Este artigo apresenta um levantamento inicial da trajetória de artistas que contribuíram para consagrar Caruaru como capital do forró no bojo de uma pesquisa em andamento que visa dimensionar a atuação de rádios e gravadoras no processo de legitimação do forró como signo de identidade nordestina.

Palavras-chave. Forró, Indústria Fonográfica, Rádio, Caruaru

The forró from Caruaru (PE) in the radio and in the music industry (1950-1980)

Abstract. Object of an Inventory financed by IPHAN since 2019, forró is on the way to becoming an intangible heritage of Brazil. Unlike other goods object of inventory by IPHAN, forró has in the mass media an essential vector of its formation as a musical genre, which forces us to think about the possible place of radio and other musical media within a patrimonialization process. To do so, we observe the case of Caruaru, a city in the Agreste region of Pernambuco that, from the 1980s onwards, received the nickname of the capital of forró thanks to the performance of radio stations and the projection achieved by local artists of the genre who had songs recorded in compactos and LPs as composers or performers.

Keywords. Forró, Musical Industry, Radio, Caruaru

1. Introdução

Imortalizada como Capital do Agreste na voz de Luiz Gonzaga, localizada a 130 km a oeste do Recife, Caruaru é a maior cidade do interior de Pernambuco e a terceira maior do interior nordestino. Tornou-se nacionalmente conhecida por sua monumental feira popular, já tombada como patrimônio cultural imaterial pelo IPHAN, pelo artesanato em barro de Mestre Vitalino (1909 - 1963) e pela dimensão de suas festas juninas, que lhe renderam a alcunha de Capital do Forró, cuja primeira menção surge numa canção de Jorge de Altinho e Lindú gravada pelo Trio Nordestino em 1980. Ao longo desta pesquisa sobre o forró em Caruaru, descobrimos ser impossível falar sobre forró em Caruaru sem destacar a importância que o rádio teve para a consolidação do gênero na cidade. No trabalho de Philippe Salles (2017), constatamos que apenas durante os anos 1950 e 1960 é que os festejos juninos, ocorridos até então exclusivamente no meio rural, passam a ser comemorados na cidade. Este período coincide com a chegada e o desenvolvimento da rádio comercial em Caruaru. Se podemos

afirmar que apenas a partir de meados dos anos 1930 o rádio começa a ser explorado comercialmente no Brasil (ORTIZ, 2001) é nas duas décadas seguintes que ele de fato se populariza e passa a fazer parte do cotidiano da maioria dos brasileiros. “Com a legislação de 1952, que aumentou o percentual permitido de publicidade para 20%, esta dimensão comercial se acentua, concretizando a expansão de uma cultura popular de massa que encontra no meio radiofônico um ambiente propício para se desenvolver” (ORTIZ, 2001, p. 40)

Nos anos 1950 o baião de Luiz Gonzaga se nacionaliza por meio das ondas do rádio. É nesta década que Caruaru passa a ser citada em canções gravadas por Jackson do Pandeiro e pelo próprio Gonzaga.

Na segunda metade dos anos 1950, Gonzaga perde prestígio nas grandes capitais do Sudeste e passa a excursionar cada vez mais pelo interior do Nordeste, tornando-se um frequente visitante de Caruaru. Foi numa dessas visitas que conheceu a canção “A feira de Caruaru”, gravada em 1956 por Onildo Almeida. Em 1957, Gonzaga lançou um compacto com duas músicas de Onildo, entre as quais “A feira de Caruaru”, tendo vendido, pela primeira vez, mais de cem mil cópias num espaço de oito meses e dando início a uma longa parceria com o caruaruense. Antes disso, em 1955, Jackson do Pandeiro já havia gravado “Forró em Caruaru”, de Zé Dantas, em álbum lançado pela Copacabana.

Como Caruaru foi a primeira cidade do Agreste pernambucano a sediar rádios comerciais, suas ondas não encontravam maiores obstáculos para se propagar pelos rincões do interior nordestino. Assim, as rádios de Caruaru não só contribuíram para consolidar o forró como gênero musical representativo da cidade, mas também foram responsáveis por divulgar o forró em várias cidades da região alcançadas por suas ondas. Os irmãos Onildo Almeida e José Almeida - fundadores da Rádio Cultura - Ivan Bulhões pela Rádio Difusora e Lídio Cavalcanti pela Rádio Liberdade foram, a partir de 1960, os principais radialistas a promoverem o forró em Caruaru tanto em programas de rádio quanto na realização de caravanas e competições entre os arraiais da cidade. Lídio Cavalcanti, responsável pelo programa “Agreste em festa”, foi o primeiro a promover concursos de ornamentação junina entre as ruas da cidade durante o São João. O radialista José Almeida, idealizador do programa “A feira de caruaru”, abria espaço para as mais diversas manifestações das matrizes tradicionais do forró em sua programação. Cada uma destas rádios, a partir dos anos 1960, passou a realizar as chamadas “caravanas”, nas quais um carro equipado era enviado a um recanto da cidade junto com um radialista e atrações musicais. O radialista atuava como

animador do público, apresentava as performances musicais e transmitia tudo ao vivo pela rádio. Com o tempo, as caravanas passaram a ser aguardadas pela população dos bairros com grande expectativa. Para além das fronteiras de Caruaru partiam as famigeradas caravanas de Ivan Bulhões - comandante dos programas “Aquarela Nordestina” e “São João sem limites” na Rádio Difusora - que levavam artistas como Jacinto Silva, Walmir Silva e Azulão para se apresentarem em diversas cidades do interior nordestino. Também estes radialistas revelaram o talento de compositores que foram gravados pelas mais diversas estrelas da música nordestina.

Na medida em que Caruaru vai se tornando conhecida como centro de produção e consumo de forró, graças à divulgação das rádios, muitos artistas da região passam a vislumbrar na cidade oportunidades para seguir carreira. Assim, Caruaru se torna ponte entre esses artistas e as gravadoras multinacionais, bem como entre compositores locais e grandes astros da música nordestina. Entendemos que o papel de mídias musicais como o rádio e o fonograma é de fundamental importância na conformação de uma memória coletiva ligada ao forró no Nordeste do Brasil.

Desta forma, a discussão sobre a patrimonialização do forró não pode, de maneira alguma, passar ao largo de um levantamento da mídia fonográfica que serviu de suporte para a formatação, circulação e consumo desta manifestação cultural. Portanto, além dos personagens-chave para a construção simbólica da Caruaru “capital do forró”, tais como compositores, intérpretes e instrumentistas e radialistas, faz-se necessário identificar os registros fonográficos que permitiram aos artistas locais se tornarem parte fundamental da história do forró e a Caruaru se tornar uma das cidades mais citadas no vasto repertório da canção popular brasileira. Uma maior atenção ao registro fonográfico e à difusão radiofônica no processo de patrimonialização do forró nos auxiliará a compreender como a indústria musical atuou para transformar este gênero num dos signos maiores de identidade nordestina.

2. Da feira ao forró

Desde a gravação do baião “A feira de Caruaru” de Onildo Almeida, por Luiz Gonzaga, em 1957, num compacto 78rpm da RCA Victor, até o lançamento de “A capital do forró”, de Jorge de Altinho e Lindú, pelo Trio Nordestino em 1980, no Long-Play (LP) “Corte o Bolo” da Copacabana Records, inúmeros compositores, intérpretes e instrumentistas locais ou radicados em Caruaru tiveram suas canções gravadas por selos pernambucanos e do sudeste do país. Em levantamento preliminar na plataforma virtual “Forró em vinil”, o mais completo acervo do gênero disponível online, podemos destacar, além dos próprios Onildo e Jorge de

Altinho, o Mestre Camarão (1940-2015), que em 1961 criou o “Trio Nortista” junto com Déo do Baião e Cobrinha. No ano seguinte, Camarão gravaria seu primeiro compacto pelo selo pernambucano “Mocambo”¹. Em 1964, Camarão gravaria seu primeiro LP pelo mesmo selo. O “Trio Nortista” gravaria seu primeiro LP também pela Mocambo, em 1965.

Entre 1969 e 1970 gravou, pela RCA/Victor, dois volumes do álbum “A bandinha do Camarão”, no qual introduz pela primeira vez naipes de metais em gravações de forró, além de adaptar canções estrangeiras para o forró. São dois LPs com a produção de Luiz Gonzaga e coordenação artística de Rildo Hora, caruaruense que se destacou como produtor no sudeste.

Ao longo de seus mais de 20 álbuns destacou-se, como afirma Silva (2017), por inovar ao adicionar uma “fusão entre os instrumentos de sopro e o ‘trio tradicional de forró’” (p. 58). Compôs em parceria com Dominginhos, Genaro e Walmir Silva, entre outros. Jacinto Silva foi mais um artista local a estreiar com compacto pelo selo Mocambo, em 1964. Logo em seguida, viria a lançar uma sequência de álbuns pela CBS.

Um dos pioneiros em gravações fonográficas com fole de Oito Baixos, Manoel Maurício é mais um artista caruaruense importante para a história do forró. Considerado um mestre por instrumentistas como Heleno dos 8 baixos e Zé Calixto, gravou dois álbuns pela gravadora Rozenblit, selo Mocambo, em 1965 e 1966, respectivamente. Nos anos 1970, gravou álbuns pelo selo carioca “Esquema”, assim como muitos de seus conterrâneos. É o caso de Azulão, cantor e compositor hoje considerado patrimônio vivo de Caruaru. Depois de lançar seu primeiro compacto em 1965 pelo selo Mocambo, no Recife, gravou álbuns como integrante da banda do Camarão até gravara seu primeiro LP solo em 1975, “Eu não socorro não”, pelo selo “Esquema”, no qual lançaria ainda mais quatro LPs até 1979.

Alguns artistas que iniciaram a carreira nos anos 1970, já gravaram seus álbuns de estreia fora do estado. Caruaruense nascido no Alto do Moura, Walmir Silva tem seu LP de estreia lançado pelo selo Esquema em 1977, no qual lançaria ainda três álbuns até 1980. Joana Angélica, uma das poucas mulheres a adentrar a seara do forró na época em questão, lançou dois álbuns pelo mesmo selo “Esquema” em fins dos anos 1970. Outros, como Azulão e Jacinto Silva, voltariam a gravar em Pernambuco, mas apenas a partir dos anos 1980.

3. Possíveis encaminhamentos

Consideramos relevante mapear com mais detalhes as trajetórias dos artistas caruaruenses nesta época, mais especificamente no que concerne a suas relações com o rádio e a indústria fonográfica. É interessante observar que aqueles que iniciam sua carreira nos anos 1960

¹ Todas as informações referentes à discografia dos artistas citados foram retiradas do site Forró em Vinil.

tendem a estreitar em gravações feitas no Recife, nos estúdios da extinta Rozenblit. Muitos, nos anos 1970, gravaram pelo selo “Esquema”, do Rio de Janeiro, a respeito do qual temos ainda pouquíssimas informações. Tal movimento corresponde às transformações ocorridas na indústria fonográfica nacional, quando o crescimento do mercado acontece em concomitância com a concentração das grandes gravadoras no eixo Rio - São Paulo.

Entendemos que qualquer levantamento que procure dimensionar a importância destes artistas dentro de um processo de patrimonialização do forró deverá também compreender os caminhos que os conduziram aos estúdios de gravação, bem como os acordos, tensões e negociações que condicionaram a produção daqueles fonogramas.

Gênero de música marcadamente urbana, porém com matrizes ancoradas no interior do Nordeste, o forró é um produto da diáspora nordestina. Embora as gravações que consagraram o gênero nacionalmente ao longo do século XX tenham sido produzidas em sua quase totalidade em gravadoras sediadas no eixo Rio-São Paulo, o forró se torna conhecido como gênero musical representativo da região nordeste tanto para nordestinos quanto para brasileiros de outras regiões. A exceção foram as gravações realizadas pelo selo Mocambo, da gravadora pernambucana Rozenblit, a primeira a produzir fonogramas de forró fora do eixo Rio-São Paulo nos anos 1960. Este levantamento preliminar aponta não apenas para a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre a atuação das rádios e sobre o acervo fonográfico relativo ao forró, mas também chama a atenção para o acervo fonográfico da gravadora Rozenblit e sua importância para a história deste gênero musical.

Referências

BEZERRA, Amilcar Almeida. De onde é que vem o baião: forró, mídia e matrizes culturais. Café Colombo. 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cafecolombo.com.br/de-onde-e-que-vem-o-baiao-forro-midia-e-matrizes-culturais/> Acesso em: 20/09/2021

FORRÓ EM VINIL. Disponível em: <forroemvinil.com> acesso em: 03 jul. 2021.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. São Paulo: Brasiliense, 2001.

SILVA, Philipe Moreira Sales. Ser forrozeiro em Caruaru: prática musical, mudança e continuidade na “capital do forró”. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Música, UFPB, 2017.

